

# Nacho Carbonell

## O lugar da matéria

CARLA CARBONE|carlacarbhone@yahoo.com

Nacho Carbonell trata a matéria por “tu”. O contacto do designer com o processo de construção do objecto não podia ser mais directo, e mais próximo. Quase impulso infantil.

Em “Por las palmas”, um abrigo, Carbonell inspira-se na ideia de esconderigo. Por vezes parece inspirado nas casas penduradas na árvore com que na infância se fantasiava em construir, para criar um lugar só nosso, junto à natureza, onde se poderiam albergar os nossos primeiros sonhos e os nossos primeiros segredos. Um lugar de pertença. Um sentido do que é verdadeiramente nosso.

Em “Por las Palmas”, o designer, pacientemente, vai cobrindo os ramos das árvores com tela transparente, esta proveniente de bioplásticos. Pode-se observar o desejo do designer na mudança e uma atenção redobrada pelo efémero. Há em Carbonell uma ideia de revolução, lembrando Gaetano Pesce quando nos dizia: “Si tu n’aimes pas les temps qu’il fait, change-le!”.

Mudar é o ponto de partida deste projecto. Como um pequeno acampamento, pendurado sobre uma árvore, o esconderijo é breve e efémero. A forma é mudança, nada é fixo, nem para sempre. Nem o ambiente, preocupação de hoje, parece ser já algo certo. Um sentido do que já não é verdadeiramente nosso?

Carbonell lida com os opostos. O designer prova ter uma apetência por temas como o público e o privado, o natural e o artificial. A sua relação com o revestimento dos ramos das árvores é um exemplo disso mesmo. Ali, o que era público pode subitamente tornar-se privado e, no momento seguinte, tornar-se público novamente. Desmontar, dismantelar. Montar, mais uma vez, mas não da mesma maneira. Algo muda em cada montagem, em cada instalação. O lugar é outro, os ramos da árvore nova revelam os seus nódulos, novos, imprevisíveis e diferentes. Há uma consciência da mutação da natureza e do ambiente, melindrado. Paira a incerteza.

Por isso, a migração da espécie, salienta a fragmentação, o enfraquecimento das fronteiras, a fragilidade dos territórios. O movimento



Craft punk, papel reciclado

moderno era associado habitualmente à ideia de um único material, de uma só peça. Muito longe da ideia dos fragmentos a que hoje assistimos. Um bom exemplo disso é a Pantone Chair, de Verner Panton. Assiste-se hoje a soluções, em que os designers optam pela fragmentação dos objectos, assiste-se a uma multiplicação dos componentes, a uma maior complexificação e a uma menor unificação. Hoje colam-se os elementos. Fazem-se colagens de fragmentos. Muito por “culpa” do tema do ambiente.

Podemos falar, por isso, de um outro esconderijo criado por Carbonell, tema caro ao designer: mais uma vez o público e o privado e a preocupação da comunicação. Falamos da peça “Lovers Chair”. O procedimento é simples: para fazer a forma do assento, Carbonell faz pasta de papel, aproveitando também a própria tinta que os resíduos já trazem. Por outras palavras, separa os papéis segundo cores. Aproveita o papel e também as tintas que normalmente esses resíduos trazem com eles. Não força a matéria. Aproveita a sua diversidade. Faz montículos de cores diferentes. Depois, já transformada em pasta de papel, a matéria é disposta sobre a estrutura em aço, coberta com redes, utilizadas normalmente para a construção de capoeiras. Cada Lovers Chair, é diferente daquela que a precede. Cada padrão de rede fornece uma superfície diferente, com uma textura diversa.

Este é mais um esconderijo. Uma marca do designer. Uma obsessão. Para Carbonell, este esconderijo pode significar uma fuga à informação, uma fuga ao mundo agressivo e falacioso que nos dilacera. Um refúgio onde podemos escapar ao ritmo vertiginoso da actualidade, de um mundo que nem sempre apetece mergulhar, porque, pelo desconforto, traduz a realidade, ou a montagem dela, ou ainda, e talvez, um mosaico de duras realidades. *Lovers Chair* é por isso uma pausa.

É, simultaneamente, no exercício dos seus opostos, uma forma aberta e uma forma fechada. Esta última parecendo reproduzir um casulo, como se o designer estabelecesse uma relação estreita com a natureza e a observasse atentamente, para alegria de Ruskin.

Mais uma vez, o tema da casa, que pode ser um lugar onde podemos transportar as nossas emoções, as nossas necessidades, os afectos. O abrigo, refúgio, conforto, protecção. E lugar de comunicação: *Lovers Chair* é essencialmente uma estrutura que contempla dois assentos que ficam ligados por um, digamos, pequeno túnel em papel reciclado. Se duas pessoas estiverem sentadas, e porque os assentos não se encontram virados para o mesmo lado, só podem comunicar por meio desse casulo. Acabam desse modo por reforçar a ideia de conversa privada, da comunicação estreita. Numa época em que, cada vez mais, e com a mobilidade das comunicações, aquilo que dizemos e fazemos fica mais exposto, mais registado, mais impessoal, banalizado. Porque expostos e transportados para o lugar do público, o elemento censura descreve novos contornos. Antes a limitação provinha da minimalização. Hoje temos a exposição tornada possível pelos meios de comunicação.

Como dizem alguns autores, o minimalismo opõe-se à expressão e não ao maximalismo, como vulgarmente se pensa. Ora, podemos julgar que o direito à privacidade é simultaneamente o direito à expressão. À expressão

*“Assiste-se hoje a soluções, em que os designers optam pela fragmentação dos objectos, assiste-se a uma multiplicação dos componentes, a uma maior complexificação e a uma menor unificação. Hoje colam-se os elementos. Fazem-se colagens de fragmentos. Muito por “culpa” do tema do ambiente.”*



*Hot Kettle*



Skin, material elástico



Together



Together

peçoal de cada indivíduo. E assim, à sua individualidade. Porque o ser humano, mais do que um ser social, um agente social, que reproduz os hábitos dessa sociedade e procura integrar-se socialmente no grupo em que se insere, é também um ser individual, com as características que o demarcam dos outros indivíduos e o fazem ser um ser único. Há sempre aquele domínio em que o indivíduo procura ser ele próprio, em que se refugia e revela a dimensão do ser, que é também fundamentalmente o seu, o de um ser privado. Voltamos à pausa, do cumprimento do ser social.

Por outro lado, este domínio do privado, do íntimo, também é demonstrado no modo como o designer estabelece a relação com os materiais e a técnica. Como vimos, a relação é estreita. Entre ele e o trabalho só há uma relação, a relação com a matéria: a comunhão com a natureza e a relação ductil da mão. Este exercício torna as coisas mais humanas.

Aproxima a natureza das coisas fabricadas pelo homem.

Em *Pump it up* encontramos novamente a preocupação com a comunicação. E evidencia-se o modo como os seres humanos estão afastados uns dos outros quando observa o modo como as espécies animais interagem e comunicam entre si. As relações fortes que estabelecem no sentido de proteger a comunidade em que se inserem e salvaguardarem a espécie, bem como a sua sobrevivência.

Várias figurinhas de animais, de cores diversas e pardacentas, encontram-se unidas entre si por meio de cabos a um assento, uma pequena cadeira. São elas insufláveis e incham quando alguém se senta na cadeira. Lembrando o amigo fiel, o animal de estimação que se aninha aos pés do dono, quando o mesmo decide sentar-se e relaxar. A cadeira progressivamente vai-se adaptando à forma do nosso corpo e ao mesmo tempo, os animaizinhos que lhe estão ligados, por cabos, vão progressivamente insuflando também. Como se ganhassemos não só um lugar confortável, onde nos podemos estender e descansar, mas também novos amigos, que existirão enquanto permanecermos sentados na sua cadeira.

No momento em que saírmos, eles perdem a força, adormecem, como nos diz Carbonell. Como amigos secretos, que só serão nossos quando voltarmos a sentar na cadeira.

Outros objectos merecem a nossa atenção. A peça "Dream of Sand", é completamente feita com areia, a principal ferramenta que o designer usa neste caso. Carbonell criou assentos para o exterior das casas. Todos feitos de areia. Cobertos por borrachas. A ideia do designer foi desenvolver estas peças exactamente no lugar onde elas vão ser integradas. Para que adquirissem as características do ambiente em que vão ser construídas. Como extensões das estruturas já existentes. Segundo o autor, a técnica de enformar estas peças é muito semelhante ao de um castelo de areia, diferindo apenas no facto de "atingida a forma pretendida, a mesma é preenchida com borracha. Permitindo que o objecto possa tornar-se flexível e confortável. O uso fará a peça alterar-se quanto à sua forma, mas a função manter-se-á." Carbonell ainda adicionou cores que ajudam a tornar as cidades mais alegres, de modo a fugir ao pesado betão e aos metais que lhes conferem sempre uma temperatura triste e cinzenta. ■



Por las ramas, bioplásticos usados na agricultura